

SEGUNDO CADERNO

QUARTA-FEIRA 28.11.2012
oglobo.com.br

Cine Star assume
salas da Laura
Alvim e promete
reabrir o espaço
em dezembro

Gente Boa pág. 5
JOAQUIM FERREIRA DOS
SANTOS



FESTA
VALTER HUGO
MÃE SE DIZ
'LERDO DE
FELICIDADE'
COM PRÊMIO



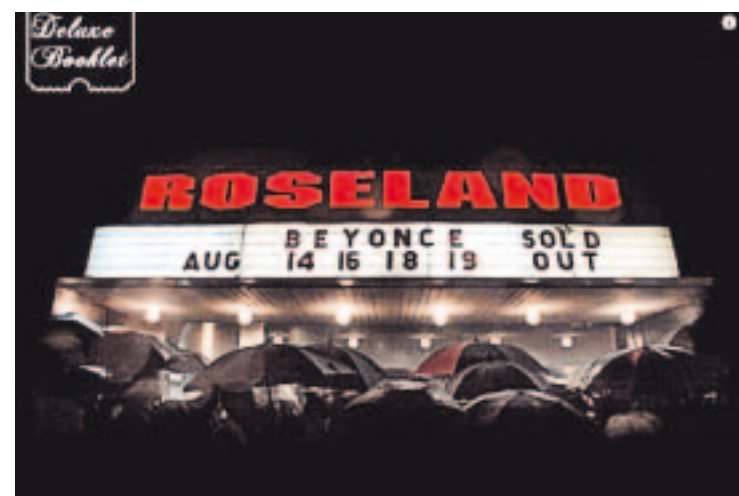
pág. 2

Novas fronteiras para o VELHO DISCO

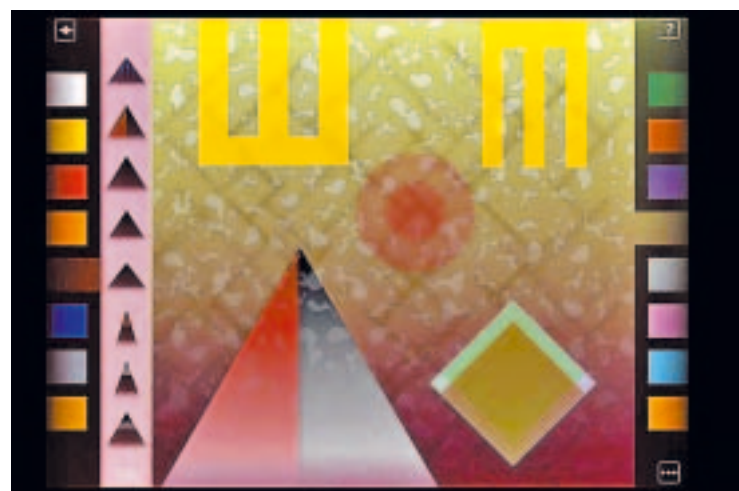
Criado por Björk com seu 'Biophilia', o conceito de álbum-aplicativo ganha cada vez mais adeptos, que oferecem ao ouvinte possibilidades como a de interagir com as canções, apontando um caminho para o futuro da música



FOTOS DE DIVULGAÇÃO



Imersão. Björk (à esquerda) lançou o aplicativo considerado o marco inaugural, que já foi explorado de diferentes formas em álbuns (de cima para baixo) de João Nogueira, Beyoncé, Passion Pit e Brian Eno



LEONARDO LICHOTE
lichote@oglobo.com.br

Cultura e tecnologia movem-se atreladas — é o que gritam as letras do Kraftwerk, em suas rimas de homem e máquina. Vamos a 1948: um grupo de pesquisadores da Columbia Records desenvolveu o disco de vinil, no qual cabiam mais músicas que o antigo 78 rotações, e criou assim, por tabela, um novo conceito artístico: o álbum, um grupo de canções conceitualmente reunidas, passando uma ideia, contando uma história.

Corta para 2011: Após uma década ameaçado pela fragmentação do MP3, o álbum experimenta uma revalorização (o culto ao vinil, a edição de shows voltados para discos clássicos). E Björk lança "Biophilia", tomado como o marco inaugural de um novo formato: o álbum-aplicativo, uma nova experiência de audição de um grupo de canções (não linear, com possibilidades interativas, obras abertas). Uma leva de recentes projetos — de Brian Eno a João Nogueira, de Lady Gaga a Makely Ka, de Beyoncé a Gilberto Gil — mostra que a trilha aberta pela islandesa pode ser uma possibilidade real de futuro da gravação.

Desenvolvedor de "Biophilia", o americano Scott Snibbe defendeu, na época do lançamen-

to, que o novo formato permitirá que se volte a ouvir música com atenção:

— O conceito de imersão na música remonta a um ato bastante simples, que acontecia quando pegávamos um disco de vinil e o escutávamos, olhando o encarte e lendo as letras. "Biophilia" é uma experiência em torno desse conceito. A diferença é que agora o encarte, as fotos, as imagens, tudo está em movimento, tem vida.

A imersão tem um apelo lúdico também. No novo aplicativo de Calvin Harris, por exemplo, o usuário pode ouvir seu mais recente disco ("18 months") na íntegra, em *streaming*. Mas só enquanto estiver dançando. Parou de mexer, a música para de tocar — um convite sutil e divertido ao ouvinte para que compre o álbum "real" caso queira simplesmente ouvi-lo.

Scott Snibbe também assina o recém-lançado aplicativo da banda Passion Pit. "Gossamer", definido como um EP-app, traz quatro experiências interativas diferentes que podem ser feitas com as canções "Take a walk" e "Carried away". Tocando na tela, de forma intuitiva, o fã tem a chance de abrir e fechar camadas da gravação, adicionar linhas melódicas novas, ao mesmo tempo em que altera, num efeito caleidoscópico, a imagem que se vê na tela.

— O álbum-aplicativo é uma possibilidade ótima. A trajetória da música gravada mostra

que ela é movida pelos novos formatos, interfaces, é algo sempre positivo — defende André Midani, importante executivo da história da indústria fonográfica brasileira, sem arriscar prognósticos. — Saber se o álbum físico vai dar lugar a qualquer tecnologia passa por entender o desejo que as pessoas têm de posse de um objeto. Isso é mais assunto para um analista do que para um produtor.

FERRAMENTAS QUE FALAM DIRETAMENTE COM O FÃ Brian Eno, que acaba de lançar "Scape" (aplicativo que, ainda mais radical que os citados, permite criar composições inteiramente novas a partir das peças isoladas de músicas do produtor), identifica no novo formato uma mudança no papel do artista e do ouvinte. Em sua analogia, segundo disse em entrevistas, o compositor antes era um arquiteto, que pensava cada detalhe de seu prédio e agora tem um ofício que se assemelha mais ao de um jardineiro, que lança as bases mas não tem o controle total.

Mais que algo voltado para o experimental ou indie, o álbum-aplicativo permite ferramentas (interações com redes sociais, fotos e vídeos extras) que falam diretamente com o fã da grande música comercial. Beyoncé usa recursos como esse em seu "Live at Roseland". Lady Gaga anunciou que seu próximo álbum, "Artpop", previsto

para 2013, será lançado no formato, com acesso a chats, clips para todas as músicas e jogos.

No Brasil, destaca-se o aplicativo de Gilberto Gil, que permite que se ouça e se crie *playlists* a partir de todos os álbuns de sua discografia. O "Sambabook" de João Nogueira também é uma experiência interessante, com informações sobre os artistas e sobre como tocar suas músicas.

— O aplicativo traz as letras com cifras para o fã — conta Flávio Pinheiro, diretor executivo da Musickeria, criadora da "Sambabook". — No próximo, de Martinho da Vila, a pessoa terá também a possibilidade de, ao lado da cifra, poder tocar a música deixando mudo o canal do instrumento que ele vai tocar. Ou seja, é como se ele substituísse, por exemplo, o cavaquinista da banda.

O mineiro Makely Ka, que produz seu disco "Cavalo motor" no formato, chama a atenção para outras de suas possibilidades:

— Na medida em que vou gravando, "subo" as faixas e disponibilizo os arquivos em diferentes etapas do processo. O público a acompanha, como um *work in progress*. Estamos desenvolvendo uma ferramenta de geolocalização integrada a uma rede social própria, que vai permitir ao usuário descobrir e se conectar com outro ouvinte que baixou o aplicativo e mora na mesma cidade.●